

## A FURNA DO ENXÔFRE

O melhor acesso ao rebôrdio da Caldeira da Praia, no interior da Graciosa, procura-se a subir pelos cerrados viçosos e pelos baldios da vila, das bandas do Poente.

Voltam-se costas às risonhas casas da Luz e aos brancos cachões do Mar de que as alturas sempre dão vista, a lembrar a pequenez desta ilha, em cada passo das jornadas e passeios.

Avançando contra o vento de estreita portela, vamos debruçar-nos para uma depressão de aparência elipsoidal, profundo covão de paredes requeimadas do

fogo, a mostrar, por mais de meia légua nas vertentes norte-sul, as chagas vivas e roxas dos rochedos.

Nenhuma casa ou cabana se descobre à vista, nem árvore de sombra ou de fruto vegeta nesta concavada amplidão, debaixo do céu esfumado de azul e rosa, a furtivo capricho do sol que lá por longe anda a flutuar sôbre ondas de nuvens efêmeras.

Por êstes cerros e colinas estarrecidas, segundo informa o côro de pastores e burriqueiros, vão correndo as arestas do Rimboto, recortado sòlidamente em luz fria, o Carreiro e o Monte do Facho onde, noutros tempos, com lume de lenha se acendia o farol para os navios, e por onde agora se encadeia a linha das alturas, até atingir a maior eminência no Cairão do Sul, à extrema direita dos que para lá deixam errar os olhos.

Da primitiva convulsão, a recordar indomáveis fúrias, portadores de morte, se vida já nascera em terra ou mar, ficou a cinza destas escórias, aqui restam os

ossos de tantas pedras, a maravilhar a vista, por desolado e revolto cemitério.

Ao longo dos alcantais, àsperamente apumados, a rebrilhar em tons de violeta e verde, ressoam agora, como teimosos ecos das raivas da pirofera, os nomes da Furna do Luís, da Furna do Anel, a Tapada, a Vermelha, a do Queimado, a Furna do Gato, a Furna da Albarda, a Furada, a da Lavrandeira e a do Castelo ou da Maria Encantada, pequenos respiradouros que ficariam abertos, quando o pico do vulcão já abatera, e cerrara as suas fauces a incendiada cratera.

Lá para o fundo, no centro das erupções dessa bocarra, há milénios silenciosa, alarga-se nos dias de agora um paúl, todo revestido de vegetação herbácea, espêssa e resistente, como rêde metálica, sôbre a qual, desta altura vemos pastar vacas do tamanho de ovelhas, e atrás delas andar lentamente pegureiros anões, à espera de ordenhar o leite.

Apoiando-se no friso das escarpas, a cúpula do céu baço e silente derrama luz polvilhada de cristal, e por ela inebriados, os pássaros voltejam sem destino, a riscar de escuros traços os panejamentos de renda de erráticas neblinas.

Mas para penetrar na Furna do Enxôfre, é preciso andar o caminho para o fundo dêste recôncavo, por vereda de enroscadas curvas, até ao limite em que se acelera o declive do carreiro íngreme e tortuoso. E os córregos para onde convergem e por onde se perdem fios de água clara, por milagre desta Primavera chuvosa, vão morrer nos buracos abertos a prumo para a recôndita caverna do encantamento que por êste tranqüilo êrmo hoje viemos a buscar.

E depois de descer e tornar a descer até à terra chã, aproxima-se a entrada abismática de que, já de passagem, com torvo mêdo fomos espreitando a goela.

Para a escuridão da gruta, a descida faz-se hoje com segurança, por bem lançados degraus em caracol, com seus pa-

tamares a prevenir ou a suavizar a canseira dos que por lá descem e sobem, e com sucessivas e regulars janelas a alumiarem a firmeza dos passos dos robustos e dos trôpegos. Após dois lanços do trajecto, quem quer desloca-se para um desvão de lapa antiga, engenhosamente aproveitado, com balcão semi-circular sôbre o iluminado prisma do poço e até já guarnecido de mesas e cadeiras brancas, para o fim que se tem em vista.

Ali se pode repousar, saboreando o farnel à fresca e bebendo alguma garrafada de botequim, com inflamado brinde aos progressos do turismo—dêsse triunfante e vil imperador que, por sabida predestinação, há-de chegar um dia a perverter o solene mistério dêste lugar encantado, convertendo-o na frasqueira do Grott's Hotel. . .

Afastando as lembranças das perigosas descidas por cordas e estacas, ainda há pouco mais de um ano, vamos agora vagarosamente andando do pleno dia para a noite cerrada.

Abre-se o espaço da cisterna de paredes e cúpula de enxôfre, abóbada de berço e de túmulo que se desenha e dilata, à medida que os olhos se afazem ao claro-escuro de uma grande enxovia, sempre a amplificar-se à retirada de cinérea sombra que turva a água da laguna, por mais de duzentos metros.

No lusco-fusco lunar que aqui dentro se difunde, até à face enxofrada das muralhas e do teto, às vezes ruídosamente se desprendem lages para campas de gigantes. E por todos os minutos do tempo, vão gotejando nas pedras e na lívida face da lagoa, os suspiros de água das infiltrações, como pranto do mundo a correr para o lacrimatório do esquecimento. Nesta indecisão de sombra que ainda parece luz ou de luz que já é sombra, os sentidos, a esvair-se de estranheza, vão-se perdendo da realidade, enquanto a alma ascende e se evola para o sonho, absorvendo-se na cismática mudez de tantas pedras doridas.

Por aqui pararam as raivosas fôrças do lume, tudo agora se quêda suspenso, tudo ficou tolhido, as sombras, os rochedos, a vida e o tempo. Se não tem de renascer o alarme plutónico, se não há-de voltar a consumição do fogo a pôr fim ao pasmo, aqui, dentro de tão trágico cenário, já o mundo se acabou.

No seio desta cripta de majestade funerária, como câmara de rito faraónico, a côr não se define, fere-se tórvo duelo de luz e de treva em que nem o sol, nem a lua, as estrélas ou o arco-íris podem intervir para moderadores, porque o esplendor do céu, se por lá existe, jamais aqui foi visto a cintilar.

Quando os olhos se esforçam a penetrar o mistério, lá para onde nasce ou morre a concha da cisterna, entre audácia e recêo, entrevê-se, a relâmpagos de alvares coados, a face lívida das paredes, como no fim do mundo há-de ser o cadáver da Terra. É o cinzento da morte que aqui não é côr, mas translúcida sombra,

mágico véu em que a realidade das formas se esconde em jazida de soturno deserto, para nos guardar do abismo do nada.

E não sabe a gente o que há-de dizer a êste silêncio mortuário, sem dor nem prazer de alma, porque só pode gozar ou sofrer o que vive, e alegrar-se quem se confia à esperança.

Mas no interior desta caverna de sombras taciturnas, a suspirar ou a descer da luz, a própria saúde morreu!

Quando o sol, lá pelas distâncias do céu rompe o tóldo das névoas, logo no abismo se inquieta de claridade reflexa êste velário de negrume e cinza. Então, nas águas que da mesma cinza pareciam turvas, espelham-se as pedras da abóbada, e a silhueta dos corpos profundamente se desenha na líquida solidão. É uma dança de espectros ou de aparições de espíritos desencarnados, prendendo e levando a vista ainda e sempre incerta, pelos mais secretos desvãos desta morada de terrores e fantasmas.

Para desafogar a ansiedade, para sacudir o opaco torpor das rochas e das águas, desvanecendo-nos a opressão e pesadelo de sepultados vivos—se a voz de um búzio penetra a espessura, ao longe começa a desdobrar-se em múltiplos ecos, repercute-se e demora-se em vibração magoada, como quem não quiere morrer no voluptuoso marasmo do silêncio. E ficamos a recear que, por castigo da violação do sono morto, a cúpula venha a desabar, na água se precipitem as rochas e que, entre cativas sombras, para nós ali seja a pena de morte a primeira manifestação de vida. E mais nos domina a meditação no prodígio dêste velho suspiro cósmico, efêmera bôlha de vaporadas incandescentes, solidificação caprichosa por fôrças genesiacas, a perpetuar até à eternidade, a tristeza das coisas sem voz.

Atraídos ainda mais pela magnética sedução do ignoto, entre penumbras de irreal transparência, andamos trezentos passos à beira de água por meio de agu-

dos calhaus. Então, todo o rumor ali cessa para melhor se ouvir, teimosamente, como protesto do silêncio, o pipilar da chuva subterrânea, ao mesmo tempo em que o instinto nos leva a levantar os olhos para a distante claridade das aberturas, não vamos ficar para ali petrificados. . .

Não há vida vegetal ou animal, e só em recessos desconhecidos de onde espreitam résteas de luz exilada, algumas pombas das rochas arrulham e gemem de amor. Neste sepulcro de rugidos ígneos, essas vozes nos asseguram que somos entrados em mansão pacífica, pois nela não habitam nem poderiam morar os homens, se não fôsse para encontrar refúgio de remorsos ou sossêgo e quietação de almas errantes que para sempre quisessem sumir-se na escura morte de um abismo sem astros.

Se um grito humano se solta, para queixa ou sarcasmo, logo êle se desumaniza, a retumbar, como nota de órgão titânico em catedral submersa: decom-

põe-se, erra, alastra, a acordar sombras e a ressuscitar ecos subterrâneos que por ali jazem, desde que o vulcão deixou de vomitar contra os céus, o seu bramido de fogo e enxôfre. Depois, a voz regressa, em frémitos sacudida a nossos pés, transmutada em silvo de serpente que do poiso se desenroscasse e pelo antro viesse coleando, a defender o seu domínio de silêncio e sombra, com a hirsuta cólera dos dragões encantados.

Nesta estática mudez de pedra e água em que nada se ouve, e menos se vê do que se sonha, quedamo-nos sem poder perscrutar o segrêdo daquela intimidade telúrica, temos mêdo de falar, para não sentir a voz logo absorvida por silêncio frio, opaco silêncio que não perturbam alegrias nem gemidos, parecendo que nêle chegará a morrer a própria respiração das almas.

Uma súplica em voz alta seria aqui o atropêlo de si própria, e um concêrto ou còro ordenado ressuscitaria a confusão de Babel, os sons a bulhar com seus

ecos no conflito do espaço e do tempo, reproduzindo o caos acústico das primeiras idades do mundo, quando aos céus, terra e água ainda não tinham sido ditas as leis da Harmonia.

Tôdas as manhãs o sol nasce para a vida, por dia e noite o mar ruga em procela, geme ou suspira sem cansaço em seu destino; mas nesta voragem, imóvel e suspensa, nunca esplende aurora, nem a baça claridade, por aqui difusa, chega a revelar a palpitação da luz de agonia dêsses enfeitadores crepúsculos da montanha, da planura e das ondas.

Ao encontro de aspectos sonâmbulos, de fantasmáticas ilusões, por êste pasmo da natureza a espelhar-se nos olhos da gente, se um visitante arrega para a água o pequeno bote, tentando a aventura de navegar sôbre um pego de dez braças de fundo, o rimado palmitar dos remos multiplica-se e os que vogam em sombras, logo se somem por sobressaltos de incerteza, à espera de ver e de ouvir... Pressentindo-os depois

a reaparecer na distância, figuramos um monstro que das águas surgisse para o nosso encontro, a interrogar, a confundir de arrepios a ousadia dos que aqui entraram, para ver a vida da morte ou a gélida surprêsa do incriado. Andando para o cais, avançando por entre bastidores de Barca do Purgatório, batel e homens vêem-se esculpídos, estranhamente. Como se viessem de nascer do negrume, êles serpeiam sôbre a face de água estanhada e tão morta que nem pode erguer para o sol a ambição de se ver transformada em nuvem, aceitando ali o destino de às escuras ir desaparecendo da lembrança dêste mundo.

Enquanto as horas esmorecem e não passam, voltam-se os olhos para os olhos da gruta, caminhos da claridade, respiração do ar a defender-nos do bafo de enxôfre que de uma poça teima em exalar-se; e a esperança de ver terra e céu clareia agora pelo vão de um pórtico de arco recortado, sustido por uma ombreira de rocha viva e pela can-

taría do escadório. Para além do poço, por onde regressaremos à luz, algumas parietárias verdejam, a atestar-nos que lá fora a vida continua por graça e milagre do sol.

Lugar é este para onde se vem com suspeita e de onde se volta sem saúde, limbo de petrificado olvido, domínio da morte que a viva curiosidade do homem devassou — para fãõ misterioso espaço olhamos, sem dêle nada poder fazer de proveito, senãõ admirar em tal prodígio a grandeza e o poder do Criador.

Uma voz surda, fala da própria sombra, insiste aqui em nos segredar :

*Homem, revê a tua pequenez neste espelho de ante-mundo ou de além-mundo, considera-te por um instante na sepultura, para meditar nesta solidãõ, sôbre a cinza da tua carne, sôbre a vã aparência do teu corpo.*

E quando, à saída, voltamos os olhos para nos despedir, tãõda a visãõ dramática se desfez, o mau sonho morreu na escuridãõ, mas as lágrimas da Terra lá

continuam a cair no denso espaço, e só porque no vale de lágrimas do mundo não acabará o pranto, não se chega aqui a esquecer a vida e a própria eternidade. . . .

11 de Maio de 1940.